



Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Ricardo Henriques

Eu sou Ricardo Henriques, dirijo o Instituto Unibanco, que é uma fundação privada dedicada fazer parcerias público privadas na educação pública brasileira, dedicada sobretudo ao Ensino Médio. Tenho uma trajetória longa universitária de mais de 30 anos de Economia, no Departamento de Economia da Universidade Federal, e de políticas públicas. Fui secretário no Governo Federal, no Governo Estadual, no Municipal, trabalhando com Educação, com Assistência Social, com Direitos Humanos, com Urbanismo, e tenho um olhar; alguma ideia dedicada ao enfrentamento das desigualdades e desenho de políticas públicas.

A Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio alinha as expectativas de aprendizagem dos estudantes e tenta definir competências tanto competências gerais como competências específicas que devem ser desenvolvidas de forma integrada aos componentes curriculares de cada estado de cada escola. Essas competências são alinhadas a tanto conhecimentos como habilidades cognitivas e não cognitivas e tentando fazer um parâmetro para aquilo que é necessário para a sociedade do Século XXI - quais são os conhecimentos que estão associados ao ensino médio, sobretudo. Trabalhar essas competências obviamente é um enorme desafio para a rede de ensino como um todo, sobretudo para as escolas. Sobretudo porque os professores em geral não tiveram informações associadas às competências. Tiveram formações restritas ao campo das disciplinas. Então, o que nós estamos fazendo com a Base Curricular é simultaneamente atualizando o que é necessário para a sociedade do conhecimento no século XXI e criando referências para uma transição dos professores. Obviamente para aquela formação inicial dos jovens e novos professores, mas aqueles que estão em exercício terão que criar um campo de investimento, que pode ser muito prazeroso, evidentemente, mas essas competências gerais estão ligadas ao desenvolvimento integral dos estudantes. Portanto, eu preciso adaptar os professores para essa nova realidade.

Tem um conjunto de desafios, porque os desafios todos têm a ver com o rebatimento deste desenho da Base Nacional Curricular Comum, das suas competências gerais de campos específicos para serem implementados. O primeiro e talvez o maior é essa capacidade de se adaptar o ambiente educacional, sobretudo às práticas dos professores diante da sua história de vida. Além disso vou ter que fazer adaptações muito importantes para poder pensar o sistema de avaliação e talvez finalmente o Brasil deixar, na avaliação, do rabo abanar o cachorro, e você vai ter agora expectativa de aprendizagem com toda sua progressão ao longo das séries e poder desenhar avaliações em função disso. Você vai ter ainda desafios que estão associados ao material didático, ou seja, construir materiais didáticos adequados à ideia de competência. Um desafio ainda mais forte é o desenho dos currículos a partir de áreas de conhecimento e não de disciplinas e essas áreas serem consistentes em si, ou seja, no interior de cada área, mas também entre áreas, para ter um ambiente de ensino-aprendizagem vocacionado para essa contemporaneidade. Ainda vou ter que enfrentar, o talvez o grande desafio é as trajetórias possíveis de serem feitas no campo propedêutico, nas áreas de ensino propedêutico (linguagens, matemática, área social e área de ciências da natureza), mas sobretudo para o chamado quinto itinerário que tem a ver com as trajetórias do mundo do trabalho. Para isso ser feito de forma substantiva e não-formal e não bebendo dos vícios do passado, os modos de implementação e as adaptações que vão se dar nas várias cidades dos estados do país terão que ser bem pensados, senão você pode criar trajetórias de segunda ordem, de segunda classe. Você precisa ter itinerários que já vão ser desafiadores no campo propedêutico, mas que vão ser desafiadores nesse campo técnico profissional, nesse campo do mundo de trabalho, bem pensados, bem desenhados e produzindo redes de parceria entre as escolas no interior das escolas públicas entre escolas públicas entre escolas públicas e atores da sociedade que são capazes de garantir uma oferta de qualidade desses itinerários.

É estratégico ter um banco de práticas inteligentes e bem sistematizadas, que a gente vê aqui no Guia de Práticas do e-NAVE 2. Acho que vai ao encontro desse desafio. Primeiro que a gente não pode cair na armadilha que um banco de práticas é algo inerte que você simplesmente copia. Um banco de práticas tem a função inspiradora, então o essencial é ter uma prática em que há evidências que ela funciona, mas o mais importante é o método de sistematização que permita aos professores entenderem a sua lógica; porque ela foi construída; para quais competências que estavam direcionadas, quais são os procedimentos, qual é o seu protocolo de instalação, qual é o público-alvo, como foram feitas as escolhas para aquilo ser aplicado em uma escola específica. Diante desse método minimamente repertoriado e arrumado, é possível para cada professor ir para esse banco de práticas e identificar aquelas que são mais interessantes, quais são os componentes que ele pode mobilizar melhor, quais são as fusões que ele pode fazer, o que inspira a outras abordagens... Ou seja, um bom banco de práticas é, em última instância, um registro de práticas que funcionam com um método de uso que permite as adaptações e as construções empíricas necessárias e cada professor fará na sua escola específica. Acho que isso é vital, porque sem um bom banco de práticas você tende a aumentar as desigualdades, porque não necessariamente as pessoas têm repertórios compartilhados suficientes para dar conta dos desafios que serão desenvolver as competências gerais e específicas associadas as estruturas de um currículo de ensino médio mais contemporâneo. Mas, com esse alerta de que um banco é um banco referencial e sobre ele os professores

que estão em inquietos e em busca de bons caminhos para desenhar os itinerários as quais os estudantes vão definir suas trajetórias, podem usar esse banco de prática como inspirador e como campos de adaptação para fazer suas escolhas e, portanto, oferecer aos estudantes caminhos interessantes, ricos, criativos, inovadores reflexivos.

Talvez a mensagem para os educadores do Brasil como um todo é primeiro o reconhecimento da importância do que é ser professor e educador da escola pública neste país, escola pública laica democrática e republicana, mas mais do que isso é como é que nós criamos no dia a dia um ambiente que educadores desse país estejam dedicados e com condições de exercerem um movimento para viabilizar excelência com equidade. Acho que as formas de enfrentar a desigualdade nesse país solicitam que os educadores estejam dedicados a produzir campos de possibilidades de efetivos para olhar para todos os estudantes, para todas as meninas, para todos os meninos, e sobre esse universo extremamente heterogêneo e desigual, criar um caminho para viabilizar excelência com equidade. A mensagem é que todos façam isso com prazer com dedicação, mas ao mesmo tempo se divertindo, envolvendo os estudantes. Excelência e equidade é o nosso maior desafio.